

# Cinco Dias de Sagração

## Sagração de um grande escritor

O luso-mineiro Cunha de Leiradella é um dos maiores romancistas do Brasil contemporâneo. Depois da abrangência deste lugar-comum, podemos ir direto à questão: falar de escritores não interessa tanto, o que importa são as obras. Ganhador dos prêmios Cidade de Belo Horizonte e Governo do Estado do Paraná, "Cinco Dias de Sagração" é forte candidato aos títulos de melhor trabalho da trajetória de seu autor e de melhor romance publicado no País nesta temporada.

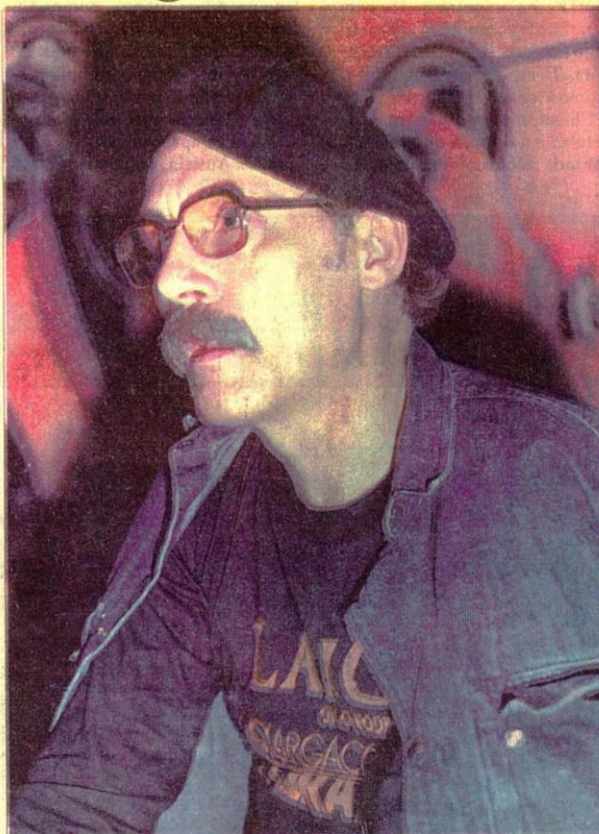
Como deve esperar quem leu algum dos romances anteriores de Leiradella, "Cinco Dias de Sagração" tem como herói o *alter ego* do autor, Eduardo da Cunha Júnior. Outros elementos das demais obras do autor estão igualmente presentes: a supremacia da ação psicológica sobre a ação física, a interferência do passado no presente das personagens, os diálogos sintéticos, sua linguagem naturalisticamente coloquial em choque com as associações de idéias do fluxo de pensamento.

### Torrente de sensações

Todos estes elementos da obra de Cunha de Leiradella são aperfeiçoados em "Cinco Dias de Sagração". O que torna o livro tão especial, contudo, é a complexidade de sua articulação entre espaço e tempo. Mais do que diálogos ou pensamentos, o que chama atenção na obra é a maneira como constrói climas. O leitor é envolvido numa torrente de sensações de prazer ou desconforto que não têm referência objetiva nas palavras, surgem do choque entre elas, da insinuação, do que se esconde por trás delas — pura literatura, enfim.

O espaço de "Cinco Dias de Sagração" possui a incômoda indefinição que atravessa as próprias memórias do herói em relação a ele. É quase mágico, no sentido em que o significado que se atribui às cidades, ruas ou edificações é mais marcante do que a ilusão de sua presença física. Eduardo da Cunha Júnior parece mover-se por um labirinto em que as pistas para o caminho certo estão perdidas em sua memória, que insiste em suprimir pedaços de suas lembranças ou soltá-los apenas nos momentos em que serão mais contundentes, dolorosos ou sublimes.

A articulação de tempo é ainda mais complexa. À primeira vista, duas interferências do autor alteram a linearidade: "Cinco Dias de Sagração" é um romance às avessas, o quinto dia é o início da narrativa, o primeiro é seu final; e a linearidade adulterada desta estrutu-



Cunha de Leiradella, expert em construir o clima de um romance



ra é sempre interrompida pelo afloramento das memórias. Uma terceira articulação, mais sutil, surge destas duas: o olhar do herói que as organiza enquanto constrói um outro tempo, algumas vezes contaminado por sua própria imaginação, pelo fato de que esqueceu e precisa reconstruir alguns pequenos fragmentos de seu passado.

### Inversão do tempo

O resultado das três é um caleidoscópio. A inversão do tempo presente, a interferência da memória e a visão pessoal que reconstrói ou anula as dias tem um efeito surpreendente: "Cinco Dias de Sagração" é um romance onde os

significados surgem na narrativa sempre antes das ações a que serão atribuídos. Logo no início, por exemplo, sabemos quem é o misterioso homem que se senta na mesa do canto no restaurante, e só encontraremos a ação a que corresponde no final do livro. É uma espécie de "Alice no Reino do Espelho" mais sério: no enigmático romance de Lewis Carroll, a rainha primeiro enfaixa seu dedo, depois chora, depois espeta-o no alfinete.

Em "Cinco Dias de Sagração", realidades tão diversas quanto o amor, a tortura, a saúde, o idealismo, a liberdade ou a repressão entram neste caleidoscópio temporal. Dentro da estrutura, sua força é dupla: os acontecimentos, em si, são vigorosos; a anulação deles, compondo o denso universo dos pontos de vista de Eduardo (e seu natural contra-ponto, a presença permanente da amante Nininha), cria uma personalidade que atinge o público em cheio e parece reconstruir, segundo uma lógica incômoda (mesmo que, em alguns momentos, permita um sentimento de libertação) mas emocionante, toda a realidade.

**"Cinco Dias de Sagração", de Cunha de Leiradella. Editora Record. 287 páginas.**

(Marcello Castilho Avellar)

# ESTADO DE MINAS

FUNDADOR DOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS": ASSIS CHATEAUBRIAND

Diretor Presidente: Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Geral: Camilo Teixeira da Costa

Diretor de Redação

Diretor de Publicidade

Diretor Industrial

Roberto Elísio de Castro Silva

Édison Zenóbio

Álvaro Teixeira da Costa

Diretor de Administração

Diretor de Finanças

Diretor Jurídico

José Tarciso Fialho de Oliveira

Hélio Amoni

Britaldo Silveira Soares

Diretor Secretário

Diretor-Adjunto

Editor-Geral

Theódulo Pereira

Cyro Siqueira

João Bosco Martins Salles

Quarta-feira, 29 de dezembro de 1993

## Destaques de 1993



### Nacionais

<b>Romance:</b>	"Cinco Dias de Sagração", Cunha de Leiradella (Record)
<b>Conto:</b>	"Deus do Abismo", Duílio Gomes (Lé)
<b>Poesia:</b>	"Minérios Domados, poesia reunida", Hélio Pellegrino – organização: Humberto Werneck (Rocco)
<b>Crônica:</b>	"Bom Dia Para Nascer", Otto Lara Resende (Cia. das Letras)
<b>Ensaio:</b>	"Tragetória Política do Brasil", Francisco Iglésias (Cia. das Letras)
<b>Biografia:</b>	"Joan Crawford – Uma Homenagem", Walter Machado (independente)
<b>Teatro:</b>	"Nelson Rodrigues: Teatro Completo" – organização: Sábato Magaldi (Aguilar/Nova Fronteira)
<b>Música:</b>	"Songbook de Vinícius de Moraes", de Almyr Chediak (Lumiar)
<b>Reportagem:</b>	"Comando Vermelho", Carlos Amorim (Record)
<b>Infantil:</b>	"Asa de Papel", Marcelo Xavier (Formato)
<b>Juvenil:</b>	"Policarpo, o Inseto Desclassificado", Ana Cecília Carvalho e Robinson Damasceno dos Reis (Formato)

### Estrangeiros

"Uma Vida", Ítalo Svevo – tradução: Aurora Bernardini e Homero Freitas (Nova Alexandria/Inst. Italiano de Cultura)
"A Balada de Café Triste e Outras Histórias", Carson McCullers – tradução: Caio Fernando Abreu (Globo)
"Bere'shith – A Cena da Origem", tradução de Haroldo de Campos de "A Cena da Origem" e do "Livro de Jó", da Bíblia (Perspectiva)
...
"Ensaio Sobre Pintura", Denis Diderot – tradução: Enid Dobránsz (Unicamp/Papirus)
"O Homem Que Não Era Maigret – A vida de Georges Simenon", Patrick Marnham – tradução: Marcus Santarrita (Cia. das Letras)
"Bertolt Brecht, Teatro Completo – Os Dias da Comuna, Turandot e Antígona" – tradução: Fernando Peixoto e outros (Paz e Terra)
"A Ópera ou a Derrota das Mulheres", Catherine Clément – tradução: Rachael Gutierrez (Rocco)
"Os Manuscritos do Mar Morto", Edmund Wilson – tradução: Hildegard Feist (Cia. das Letras)
"A Cortina de Tia Bá", Virginia Woolf – tradução: Ruth Rocha, ilustrações: Julie Viyas (Ática)
"O Maníaco Magee", Jerry Spinelli – tradução: Leo Cunha (Editora 34)

<b>Tradutor:</b>	Fernando Py, pela nova edição de "Em Busca do Tempo Perdido", de Marcel Proust, Ediouro
<b>Trad. revelação:</b>	Leo Cunha, por "O Maníaco Magee" e "Jack", Editora 34
<b>Editor:</b>	Lino de Albergaria, da Editora Lé, pela coleção "Os Narradores", com sete volumes de ficção
<b>Ilustradora:</b>	Angela Lago, pelo conjunto da obra.

## Sala de Leitura

# O estilista do elo perdido

**C**unha de Leiradella nasceu em Braga, ao norte de Portugal. Veio para o Brasil em 1958, fugindo da ditadura de Salazar. Morou no Rio de Janeiro até 1980, quando se transferiu para **Belo Horizonte**. Costuma dizer que é mineiro por opção. Aliás, não tão mineiro, pois garante que ainda não sabe trabalhar em silêncio. Dramaturgo, contista e romancista, colabora vez por outra no **Estado de Minas** como crítico de teatro e literatura. Ganhou muitos prêmios importantes, entre eles o do Governo do Paraná e o Cidade de Belo Horizonte, ambos com **Cinco Dias de Sagração**. Atualmente, divide seu tempo entre a literatura e as funções de gerente geral do Hotel Del Rey, cargo que lhe permite recolher boas doses de tempero para a salada geral de personagens que costuma criar, funcionando como posto avançado de observação do gênero humano.

**Cinco Dias de Sagração** anda por praias distantes daquelas percorridas pelo estilo de Antônio Barreto. Leiradella descendo nitidamente de duas escolas literárias: o absurdo de Albert Camus e Eugene Ionesco e o realismo seco e sem adjetivos de Ernest Hemingway, seu escritor de cabeça desde a mocidade. Aliás, o velho "Papa" é seu grande ídolo. Assim como ele, o luso-mineiro também lutou numa guerra, adora a natureza e os bons vinhos e só tira a boina vasca para tomar banho ou quando desempenha o papel de executivo. Fora isso, resta a seus familiares e amigos o alívio de ele não ter em casa uma espingarda de caça.

O novo romance de Leiradella acrescenta vários elos à corrente que ele vem forjando ao longo de sua brilhante carreira. O protagonista é o mesmo de **O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior** (Editora Nova Fronteira), "Um Caso sem Importância" (Mercado Aberto), **Guerrilha Urbana** (Clube do Livro) e de uma série de contos reunidos na coletânea **Turis-**



Divulgação

Leiradella: mineiro nascido em Portugal

português que vive no Brasil e que retorna à sua terra natal em busca do elo perdido. Nesse retorno, ele descobre que o passado já não existe e, pior que isso, que o presente é uma gaiola que o aprisiona dentro de si mesmo e que o futuro é na verdade apenas uma abstração.

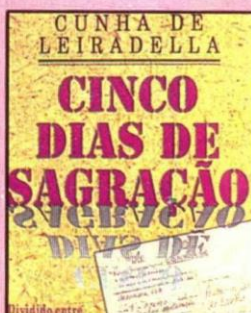
Leiradella é, a seu modo, também um estilista. Só que mais sutil que Antônio Barreto. Longe de lembrar **Faulkner** ou **Dos Passos**, ele consegue algo quase inédito (pelo menos no Brasil): sua narrativa é cinematográfica, sem a presença explícita do narrador. Em momento algum utiliza expressões corriqueiras como "ela disse", "ele exclamou" ou "fulano per-

guntou". Não há lugar para dois pontos ou travessões após a conclusão das frases ditas pelos personagens. O que há, sim, é a ação antecedendo o diálogo.

Nesse sentido, a narrativa em primeira pessoa funciona como uma câmera, ora lenta, ora rápida, acrescentando a esses movimentos os cortes precisos, quase cirúrgicos. Outro ponto importante a ser destacado é que a história se passa de trás para frente: começa no quinto dia e acaba no primeiro. Uma solução inusitada encontrada pelo autor que se beneficia ainda de sua formação dramática que lhe garante a perfeição nos diálogos. Nesse ponto, o silêncio diz mais que as palavras pronunciadas pelos personagens. Ou seja, o subtexto transborda da narrativa com a força de uma enchente.

Com este livro, **Cunha de Leiradella** coloca-se definitivamente entre os grandes escritores brasileiros de hoje e de ontem. Isso, para desespero daqueles que ainda o consideram português, colonizador europeu, estranho visitante que sabe utilizar as palavras como um franco-atirador a manejar seu rifle automático.

Mas, se ele ainda vivesse em Portugal, certamente sua obra atravessaria o Atlântico a bordo do mesmo avião (ou navio?) que trouxe ao Brasil os livros de José Saramago, Lídia Jorge e outros do mesmo time. **Cinco Dias de Sagração** é um dos melhores romances publicados no País nos últimos dez anos. Em Minas, ele está entre os três melhores, ao lado de **A Guerra dos Parafusos**, de Antônio Barreto. Quanto ao outro, prefiro não revelar. Afinal, um pouco de suspense não faz mal a ninguém. ■



"Desde que tinha chegado a Portugal, há quatro dias, que não fazíamos outra coisa senão falar. E, embora disséssemos constantemente que nos queríamos, a única coisa concreta que sabíamos é que eu regressaria a Belo Horizonte, no Brasil. E para sempre. Não nos víamos há dezesseis anos, desde que nos tínhamos separado no aeroporto de Dakar, e talvez nunca mais nos víssemos. Talvez fosse a nossa última chance, mas dentro daquele carro, naquele momento,